

**(INTER)AÇÕES DOS ELEMENTOS CULTURAIS NO LIVRO DIDÁTICO DE LE
(INGLÊS)**

Fabício Ademar Fernandes

Mirelle Amaral de São Bernardo

Universidade Federal de São Carlos

Lúcia Maria de Assunção Barbosa

Universidade de Brasília

Resumo: Este trabalho pretende analisar em linhas gerais a escolha do MD Mega e sua adequação ao contexto de Ensino Médio integrado ao Ensino Profissionalizante no IFGoiano – Câmpus Ceres para uma turma de 1º ano de Informática. Por conseguinte, e forma mais específica, pretende-se analisar os elementos culturais encontrados em uma das unidades do livro 1 (unidade 7), qual a proposta do manual do professor para abordá-los e algumas ações que poderiam ser exploradas para promover a interação cultural por meio do material didático citado. A análise se desenvolveu sob o paradigma qualitativo e a metodologia de pesquisa utilizada foi pesquisa documental, que tem como intuito aproximar-se da realidade social e compreendê-la de forma indireta. Identificamos que o MD selecionado pode ser utilizado para desenvolver a sensibilidade cultural necessária aos alunos. No entanto, para a exploração desses elementos faz-se necessário que o/a professor/a esteja preparado/a para ampliar a discussão cultural, indo além do que o livro propõe.

Palavras-chave: material didático, elementos culturais, interação.

Introdução

O ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira (LE) em instituições públicas de ensino no Brasil é, geralmente, caracterizado pela utilização de materiais didáticos (MD), tanto por alunos, quanto por professores. Neste sentido, tem sido amplamente reconhecido entre os profissionais que atuam nesta área que os aprendentes não precisam apenas do conhecimento gramatical da língua, mas também da habilidade de usá-la nos âmbitos social e cultural de maneiras adequadas. Rosenfeld & Viana (2011) afirmam que:

Vivemos atualmente em uma época de internacionalização de contatos sociais, científicos, políticos e pessoais. Inúmeras pessoas tem, ou terão um dia, que interagir com povos de outras culturas, seja por opção pessoal, por mero acaso ou por necessidade profissional. Conseqüentemente, cresce a necessidade de qualificação e capacitação para interação e comunicação intercultural.

Estas afirmativas podem ser ilustradas, dentre outras formas, com os números apontados pelo sítios eletrônicos do governo brasileiro sobre programas como o Ciência Sem Fronteiras que tem, como uma de suas metas, oferecer 101.000 bolsas a estudantes no Brasil e no exterior¹.

Além do *Ciência Sem Fronteiras*, o programa *Inglês Sem Fronteiras* pretende disponibilizar 2 milhões de senhas a estudantes de graduação e pós-graduação das universidades públicas, em todas as áreas do conhecimento. <http://isf.mec.gov.br/acoes.html> acesso em 30/05/2013

As afirmações e exemplos apresentados anteriormente sobre a necessidade de da aprendizagem da língua inglesa como LE coadunam com a importância do MD como instrumento imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem de línguas ao considerar a capacitação dos aprendentes para a interação e comunicação intercultural. Apesar disto, em alguns casos, ele acaba tornando-se fonte única material e de insumo usados por muitos docentes. Além de ser uma importante ferramenta pedagógica, vale ressaltar que o MD é também um produto cultural, um artefato criado com fins lucrativos, uma mercadoria, o que torna maior a importância da análise do livro e de seus recursos pedagógicos pelo professor, tendo em vista os objetivos do curso e as necessidades dos estudantes. Sobre este processo de expansão mercadológica da língua inglesa Phillipson (2003) *apud* Siqueira 2011, p.30) tematiza que:

O inglês adquiriu um poder narcótico em muitas partes do mundo, um vício que tem tido conseqüências de longo prazo que estão longe de ficar claras. Da mesma forma que o comércio de drogas, em seus ramos legais e ilegais, há grandes interesses comerciais na indústria do ensino do inglês em escala global.

Com a introdução da metodologia audiovisual no ensino de línguas, especificamente de inglês, houve a necessidade de se representar o uso da língua em situações do cotidiano e de se ilustrar tais situações. A partir de então, muitos dos personagens que aparecem nos MDs passaram a ser caracterizados para atender às funções da linguagem em diversas situações, na maioria dos casos turistas ou estrangeiros em circunstância de imersão que fazem o uso da língua fora do país de origem. De acordo com esta metodologia, o aluno muitas vezes

¹ Metas revistas pela 7ª Reunião do comitê executivo (ce) do programa ciência sem fronteiras, realizada em 22 de janeiro de 2013. “<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/metas>. Acesso em 30/05/2013.

desempenha um papel receptivo e um tanto submisso diante do professor e do manual. Ele não tem autonomia, nem criatividade. O professor centraliza a comunicação, é manipulador e técnico (CESTARO, 2003). Na rede pública, em muitos casos, ainda perdura o método da gramática tradução (VIEIRA-ABRAHÃO, 2011).

Com o objetivo de inserir eventos culturais, alguns MDs contemporâneos da história do ensino de inglês ainda insistem em estereotipar figuras representativas de diferentes países, principalmente dos países considerados os mais importantes falantes de inglês: Estados Unidos e Inglaterra. Segundo Byram (2003, p. 21),²estereotipar está relacionado ao fato de se rotular ou categorizar grupos específicos de pessoas, geralmente de uma forma negativa, considerando ideias preconcebidas ou generalizações sobre eles e, por isso, pressupor, que todos os membros de determinado grupo pensa e se comporta de modo idêntico. O autor ainda sugere que estereotipar pode dificultar nosso senso a respeito de quem nós somos ao sugerir que o modo pelo qual nos aparentamos ou falamos determina nosso modo de agir.

De acordo com Rajagopalan (2010), em artigo publicado sobre o lugar do inglês no mundo globalizado, é importante lembrar que a língua inglesa que está se colocando como a língua de contato entre diferentes nações no mundo de hoje, tem apenas o nome da língua que se fala no Reino Unido ou nos EUA, ou onde quer que seja. E acrescenta que o “*World English*” – “o inglês do mundo” ou o “inglês mundial” não tem dono; não pertence nem aos ingleses, escoceses, estadunidenses, etc. Ela pertence a todos aqueles milhões de pessoas que dela fazem uso diário no mundo inteiro. Mesmo considerando este contexto de inserção da língua inglesa, muitas vezes os aspectos socioculturais não são levados em consideração na edição dos MDs, ao contrário, entre os seus objetivos principais é possível encontrar a caracterização de personagens que visam atender à necessidade de representação de um grupo como um todo.

De acordo com Risager (1991, *apud* SILVA, 2012) as exigências para a produção dos livros didáticos têm aumentado muito a partir dos anos 1950, já que se espera que o livro seja, além de fonte pedagógica de insumos, ferramenta de apoio na formação do aluno como um todo, inclusive no que diz respeito ao desenvolvimento de sua sensibilização cultural.

²Tradução nossa

O contexto

Antes de realizarmos a análise do MD **Mega**, é interessante que façamos uma descrição do contexto no qual ele é adotado. Inicialmente, faremos algumas considerações sobre os Institutos Federais de Ciência e Tecnologia e, em seguida, faremos a descrição do *Campus* onde o MD em análise é utilizado.

Os Institutos Federais de Ciência e Tecnologia: IFs

Apesar de muitos se pautarem pela crença de que não se aprende inglês em escola pública (FERNANDES, 2010), tal afirmação não deve ser tomada como pressuposto, tendo em vista a diversidade de contextos existentes nas instituições de ensino do país.

Além das tradicionais escolas públicas, que oferecem ensino fundamental e médio, outra modalidade de instituição de ensino que tem se fortalecido e ampliado seu campo de atuação no cenário educacional brasileiro são as antigas escolas técnicas federais. Estas instituições de ensino fazem parte de um modelo institucional inovador em termos de proposta político-pedagógica e que passaram a integrar a rede dos Institutos Federais de Ciência e Tecnologia, doravante IFs, criados pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2008).

Assim, derrubar as barreiras entre o ensino técnico e o científico, articulando trabalho, ciência e cultura na perspectiva da emancipação humana é um dos objetivos basilares dos IFs. Sua orientação pedagógica deve recusar o conhecimento exclusivamente enciclopédico, assentando-se na formação profissional mais abrangente e flexível, com menos ênfase na formação para ofícios e mais em uma participação qualitativa superior nele. Espera-se um profissionalizar-se mais amplo, que abra infinitas possibilidades de reinventar-se no mundo e para o mundo (PACHECO, 2008).

O contexto de utilização do MD

Considerando os pressupostos que norteiam os IFs no que diz respeito à articulação do trabalho e cultura, este artigo tem como objetivo analisar uma unidade do MD utilizado no curso Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Informática para o ensino de inglês como

Língua Estrangeira (LE) no que tange os aspectos culturais ali apresentados. Este curso é ministrado no IF Goiano, *Campus Ceres*, estado de Goiás.

No currículo do curso Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Informática, o ensino da língua inglesa está inserido nos três anos do curso. Esta disciplina possui uma carga horária de uma hora/aula semanal no primeiro ano e duas horas/aulas semanais nos segundo e terceiro anos. Escolhemos analisar o uso do MD em uma turma de primeiro ano, onde a carga horária anual prevista para a componente curso é de 40 horas. Ao final do primeiro ano, espera-se que os aprendentes sejam capazes de desenvolver a Competência Comunicativa em Língua Inglesa nas habilidades de leitura, audição/compreensão, fala e escrita, levando-os a utilizarem estruturas da língua com funções de linguagem específicas aos conteúdos e tópicos apresentados.

A escolha deste MD foi feita por uma professora, que por razões éticas, será tratada como Suzana neste artigo. Os critérios utilizados para a seleção do MD não passaram por critérios seletivos críticos e definidos. A professora Suzana, após receber a visita de um representante de editoras, optou pelo livro que, na sua opinião, atenderia às necessidades de um grupo de nível básico, apresentando uma linguagem voltada para adolescentes e que, mesmo sendo o volume um de um material composto por quatro volumes, seria usado durante todo o curso de Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Informática.

Os alunos, de um modo geral, iniciam o curso Técnico em Informática aos 15 anos, após passarem por a uma seleção que classifica cento e vinte alunos, os quais serão alocados em uma das três turmas quarenta estudantes formadas ao início de cada ano. De um modo geral, os ingressos são oriundos da classe baixa, já que, em questionário socioeconômico aplicado a uma turma de 36 alunos, 15 afirmaram que a renda familiar de até 2 salários mínimos, 18 declararam renda familiar entre 3 e 5 salários mínimos, 1 afirma ter renda familiar de 6 a 10 salários mínimos e 2 com renda acima de 10 salários mínimos. Já o grupo de professoras de língua inglesa (LE) caracteriza-se por serem professoras formadas em Letras, duas professoras efetivas e duas substitutas. A professora Suzana, a qual selecionou o MD analisado, possui graduação em Letras Modernas pela Faculdade de Filosofia do Vale de São Patrício (1984), especialização em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte (1988) e mestrado em Educação Agrícola pela Universidade

Federal Rural do Rio de Janeiro (2012). Atualmente trabalha no IFGoiano- Câmpus Ceres há quatro anos.

O MD Mega

Nesse artigo, analisaremos se os elementos culturais da língua são contemplados no volume 1 do livro Mega da editora MacMillan, que apesar de ser desenvolvido em 4 níveis e, conforme descrição da própria página na internet, é destinado ao Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), teve este volume selecionado para ser utilizado durante os três anos do Ensino Médio Integrado dos cursos de Informática e Agropecuária do Instituto Federal Goiano - *Campus Ceres*. O livro é dividido em 11 unidades, enumeradas de 0 a 10. No endereço eletrônico disponibilizado pela editora é possível encontrar a seguinte descrição acerca do MD previamente citado:

Mega é um curso secundário de quatro níveis em Inglês Americano que leva alunos do iniciante ao nível intermediário alto. As unidades são baseadas em tópicos, tem apresentados claramente os objetivos, e são projetadas para atrair jovens estudantes adolescentes. A extensa componente escuta inclui importante trabalho de pronúncia e a nova linguagem é introduzida através de diálogos que caracterizam as personagens principais em cada nível. A introdução de vocabulário substancial é mais praticada nas seções de jogos e diversão. O projeto lição user-friendly e a variedade de componentes flexíveis fazem de Mega um curso emocionante e adequado para uma variedade de horas de contato. (tradução e grifo nossos, <http://www.macmillan.com.mx/index.php?link=Catalogue&IdCatalogue=8&display=2>, acesso em 18 de abril de 2013)

De acordo com a descrição do livro retirada do *site* informado pela editora, não pudemos perceber qual é a percepção dos autores no que diz respeito aos pressupostos culturais da língua. Outro aspecto que nos chama atenção é o de que o MD não apresenta qualquer direcionamento à área de Informática o que, a nosso ver, deveria ser contemplado por se tratar de um curso de inglês (LE) específico para estudantes desta área.

Por meio de uma análise ampla, é possível observar que há uma tendência no desenvolvimento das habilidades de escuta e compreensão auditiva. O material do aluno é dividido em dois livros, *Students' Book* e *Workbook*. O primeiro apresenta os conteúdos, traz algumas atividades, principalmente de *listening*, bem como algumas atividades relacionadas à estrutura linguística da língua inglesa. O *Workbook* reproduz as atividades estruturais e traz,

em algumas unidades, uma parte especial chamada de *Cultural Spot* que é geralmente associada a diferenças culturais marcantes da cultura americana.

O MD também oferece um guia para o professor. Este manual é composto por atividades respondidas e comentadas. Além disso, ele traz dicas de como introduzir e desenvolver cada atividade, exercícios extras e um *cd* que contém atividades de escuta e algumas músicas.

O manual destinado ao professor além de apresentar respostas às atividades, ainda confere grande número de informações adicionais, diferentes possibilidades de realização das atividades, dicas de *warmups* e como os exercícios podem ser utilizados para que seja desenvolvida a habilidade oral. No entanto, não encontramos propostas de atividades que levem a discussões referentes aos aspectos culturais da língua ou a uma análise crítica comparativa entre diferentes culturas.

O item denominado *Workbook* contém, em sua maioria, exercícios de fixação de elementos gramaticais e de produção escrita, porém apresenta, em algumas unidades, uma parte chamada de *Cultural Spot*, conforme citada anteriormente, a qual pretende mostrar particularidades culturais relacionadas ao cotidiano dos norte-americanos ou de outros povos, porém com uma predominância dos povos de língua inglesa mais conhecidos como ingleses ou australianos.

No que diz respeito aos aspectos culturais apresentados pelo MD, faremos a análise de uma unidade do livro do estudante. A justificativa para tal escolha é a de que cada unidade por ele apresentada, traz, de um certo modo, um resumo de como todo o restante do MD é estruturado.

Não pretendemos, com a análise desta unidade, esgotar todas as possibilidades que podem ser ali observadas, pelo contrário, acreditamos que, ao explorarmos esta parte do MD em busca de indícios de como a questão cultural é abordada, estaremos apontando encaminhamentos para que os docentes, para que ao escolherem os MDs que utilizarão em sala de aula, tenham um direcionamento que lhes sirva como referencial na observância dos componentes culturais ali abordados.

Análise dos componentes culturais do MD Mega

Segundo Kramsh (2009), o pensamento tradicional no ensino de LE limitou o ensino de cultura à transmissão de informações sobre os povos do país alvo e sobre suas atitudes gerais e visões de mundo. Neste sentido, antes de iniciarmos a avaliação dos componentes culturais da unidade 7 do MD MEGA, achamos importante, em primeiro lugar, definir qual conceito de cultura tomaremos como pressuposto. Para este estudo, trabalharemos com a concepção de que cultura é tomada como “a base de toda a significação”, ou seja, um conjunto de atitudes e de crenças, as visões de mundo, os comportamentos, as lembranças comuns aos membros de uma determinada comunidade (Nostrand, 1989: 51 *apud* Kramsch 2009, p.117). Esta definição pode, em termos, ser comparada à definição de Brislin (1990: 11 *apud op. cit.*) em que afirma que:

A cultura remete a ideais, valores, uma formação, categorias práticas, hipóteses de vida amplamente compartilhadas e a atividades que visam a certos objetivos precisos, enfim, a um conjunto de coisas que conscientemente ou não são reconhecidas como boas ou convenientes pelas pessoas que se identificam como parte integrante dessa sociedade.

Por se tratar de um conceito complexo, abordado de diferentes formas por diferentes áreas do conhecimento, é importante que se tenha cautela antes de utilizá-lo. Tendo em vista tais características, Holliday (1994, p. 21) destaca:

Cultura é um conceito que precisa ser abordado cuidadosamente. Ultimamente, ele tem sido utilizado de modo equivocado. Um dos problemas é que o uso mais comum da palavra – como cultura nacional – é muito amplo e evoca vagas noções sobre o sentido de nações, raças e, algumas vezes, continentes inteiros, que são extremamente generalizantes para serem empregadas e que frequentemente se tornam um misto de estereótipos e preconceitos.

Stival (2011, p.43) acrescenta que a experiência cultural molda nossas atitudes, crenças, emoções e valores. Essas referências da cultura nativa, original, podem ser projetadas para cultura da língua-alvo, influenciando nossa maneira de lidar com as referências culturais da língua que estamos aprendendo, o que chamaremos aqui de *transferência cultural*, ou seja, acreditar que certos comportamentos ou arranjos linguístico-culturais funcionam em uma situação comunicativa na outra língua tão bem como em língua materna.

Após algumas considerações sobre o conceito de cultura, partiremos para a análise dos aspectos culturais presentes no MD Mega. Esta análise será caracterizada por uma

investigação de cunho qualitativa. Neste sentido, lançaremos mão da metodologia de pesquisa documental que tem como intuito aproximar-se da realidade social e compreendê-la de forma indireta por meio da análise de inúmeros documentos produzidos pelo homem (SILVA, 2009), neste caso um MD para o ensino de inglês como LE.

Nesse estudo, conforme dito anteriormente, analisamos a unidade 7 do livro MEGA, nos seguintes documentos: *Students' Book* (Manual do Professor), *Work Book*, questionário socioeconômico aplicado no ato da matrícula, referente a uma das turmas de primeiro ano do ano de 2013.

Ao analisar um MD, os professores de línguas precisam, antes de tudo, compreender que estes recursos nunca são neutros no que diz respeito ao seu conteúdo cultural. Isto significa que qualquer conteúdo ali abordado trará implícita ou explicitamente um conjunto de valores culturais e sociais que são inerentes à sua criação (HURST, 2006, p.247). Tais valores muitas vezes não se encontram explícitos na concepção do material e é então que se percebe a existência de um “currículo oculto” em qualquer que seja a proposta. Concordamos com Lima (2006) ao afirmar que o estudo do currículo deve atender a três pressupostos básicos: oferecer uma visão de cultura que as escolas transmitem tanto em sua dimensão oculta quanto manifesta; ser entendido como um processo historicamente construído, não apenas como algo a ser reproduzido, mas a ser modificado e reconstruído; promover a interação entre teoria e prática e ser um projeto cultural, com flexibilidade para que os professores intervenham nele.

Apesar de não ser tarefa simples a análise dos conteúdos culturais de MDs, Hurst (2006, p.246) sugere que os docentes tenham em mente alguns itens a serem considerados. A seguir, apresentaremos estes pontos e faremos referência a algumas considerações relacionadas ao MD Mega.

O primeiro item que chama a atenção de docentes e, principalmente de alunos ao se observar um MD são as suas ilustrações. Hill (2003, apud (livro a elaboração de materiais didáticos p. 58) enfatiza que fotos e desenhos são os dois principais tipos de ilustrações mais amplamente utilizados em livros-texto. No MD Mega, é possível encontrar uma gama muito variada destes dois tipos de recursos. As fotografias aparecem ilustrando pessoas em atividades do dia a dia como em uma situação em que um aluno é chamado pelo diretor da escola (vide p. 94) ou de animais de diferentes tipos (vide p. 88). Apesar de serem muito

chamativas, as fotos podem limitar a imaginação dos alunos e se tornar obsoletas muito rapidamente caso não sejam cuidadosamente escolhidas. No caso do MD Mega, elas retratam falantes da língua inglesa não só dos EUA, mas de vários outros países (vide p. 92). É possível observar também uma profusão de desenhos por toda a unidade 7, que tem como temática os animais. As figuras ilustram diferentes espécies da fauna mundial como pinguins, elefantes, cangurus, dentre outros e ilustram situações que sugerem a compreensão de determinados itens lexicais (vide p. 85). No entanto, os desenhos podem dar a impressão de não ter autoridade ou de não refletir a realidade e estilos artísticos diferentes podem induzir a reações positivas ou negativas (p. 59 da Elaboração de Materiais).

Em relação aos aspectos linguísticos, é possível dizer que o MD Mega utiliza uma linguagem inclusiva e apropriada aos estudantes do curso Técnico Integrado em Informática. O que nos chamou a atenção foi observar que o MD não traz nenhum tipo de relação com a área proposta pelo curso técnico, o que, a nosso ver, deveria ser contemplado, visto que a rede IF pressupõe uma forte ligação com o mundo do trabalho.

No que diz respeito aos textos apresentados pelo MD Mega, não pudemos observar de onde eles foram extraídos. Por este motivo, é possível que os aprendentes desconfiem de sua autenticidade, visto que eles remetem a atividades gramaticais que serão abordadas posteriormente (vide p. 64). Em um texto chamado “A Pakistanifamily in theStates”, uma garota filha de imigrantes paquistaneses é apresentada em um texto descritivo e, em alguns momentos, suas supostas falas são citadas. Apesar de trazer um rico material para uma discussão sobre diferentes culturas, o MD Mega volta suas atividades para aspectos linguísticos ou lexicais, como neste caso. No entanto, no final da lição (vide p. 93) os estudantes tem a oportunidade de preencher uma tabela com aspectos relacionados à vida em seu próprio país, e daí expor e observar o posicionamento de seus colegas sobre sua própria realidade, porém no manual do professor não encontramos dicas de discussões críticas a serem desenvolvidas ou atividades extra de pesquisa sobre elementos culturais que dizem respeito a adolescentes de outros lugares do mundo, por exemplo, atividade que poderia culminar em um projeto de pesquisa realizada pelos alunos através de *sites* da internet e até

mesmo de *chats* com interações com alunos de diferentes lugares do mundo. Esta análise foi definida pela proposta de Hurst (2006)³.

Considerações finais

Este estudo buscou analisar uma unidade do MD selecionado para se trabalhar com a disciplina de inglês no curso Técnico Integrado em Informática do IFGoiano – Câmpus Ceres, com o intuito de identificar elementos culturais e procedimentos orientados pelo manual do professor que pudessem ser explorados durante as aulas. Identificamos que, apesar da escolha do material ter sido feita de uma forma pouco adequada, o MD selecionado pode ser utilizado para desenvolver a sensibilidade cultural necessária aos alunos para que se tornem indivíduos interculturalmente competentes. No entanto, a exploração desses elementos ocorrerá caso o professor que utilizar desse material esteja preparado para ampliar a discussão cultural, indo além do que o livro propõe, haja vista que o manual não se dispõe a indicar atividades que explorem a utilização desses elementos em atividades voltadas ao desenvolvimento da Competência Intercultural. Acreditamos ser importante incluir nos materiais destinados ao professor discussões ou propostas de atividades que direcionem debates voltados às questões culturais e a análises críticas comparativas que permitam que os alunos se vejam através da comparação com o outro, ampliando a lente cultural pela qual estão acostumados a ver o mundo.

Referências bibliográficas:

BRASIL, Presidência da República. Lei nº. 11.892 de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF, 2008.

BYRAM, M; GRIBKOVA, B; STAKLEY, H. (2002) “Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching”. Council of Europe. Strasbourg. (<http://lrc.cornell.edu/director/intercultural.pdf>) último acesso em 30/05/2013

³ Em seu artigo intitulado “Ways and means of evaluating cultural content in coursebooks”, o autor apresenta uma abordagem que pode ser utilizada para a revisão de aspectos culturais em MDs. Esta abordagem consiste em uma série de tópicos, tais como: recursos visuais, aspectos lingüísticos, dentre outros, que são acompanhados por perguntas que fazem com que o leitor observe e reflita sobre como analisar tais quesitos em um MD.

CESTARO, Selma Alas Martins. Ensino de língua estrangeira: história e metodologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/USP, 2003

FERNANDES, F. A. Crenças sobre a cultura de ensinar e aprender línguas de uma professora de inglês como língua estrangeira (LE) sem formação em Letras. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, 2010.

HOLLIDAY, A. **Appropriate Methodology and Social Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

HURST, N. R. Ways and means of evaluating cultural content in coursebooks. In: BIZARRO, Rosa (Org.). **Como abordar... A escola e a diversidade cultural: multiculturalismo, interculturalismo e educação**. Porto: Areal Editores, 2006.

KRAMSH, C. O componente cultural na Linguística Aplicada. Trad. Lucia Maria de Assunção Barbosa. **Contexturas, ensino de língua inglesa**, 15 – 2009. PP. 115-134.

LIMA, M. de; LEMOS, M de F; ANAYA, V. Currículo escolar e construção cultural: uma análise prática. **Dialogia**, v. 5, p. 145-151, 2006.

RAJAGOPALAN, K. O lugar do inglês no mundo globalizado. In: SILVA, K. A. (Org.). **Ensinar e Aprender Línguas na Contemporaneidade: Linhas e Entrelinhas**. Vol. 1. Campinas: Pontes, 2010. p. 21-24.

PACHECO, E. (org). **Institutos federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

ROSENFELD, C.C.F; VIANA, N. Crenças sobre a língua e cultura alvo (alemã): categorização e relação com a competência intercultural. In: SILVA, K. A. (Org.). **Crenças, Discurso & Linguagem**. Vol. 2. Campinas: Pontes, 2011. p. 305-333.

SIQUEIRA, S. Inglês como língua internacional: por uma pedagogia internacional crítica. In: SILVA, K. A. (Org.). **Ensinar e Aprender Línguas na Contemporaneidade: Linhas e Entrelinhas**. Vol. 1. Campinas: Pontes, 2010. p. 25-52.

SILVA, J. M. Implicações culturais do inglês como língua internacional: o livro didático. Dissertação. Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, L. R. C. *et. al*. Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. In: Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, 2009. P. 4555-4566.

STIVAL, M. A. S. B. Uma janela para o mundo: o uso da internet para desenvolver a Competência Intercultural em aulas de Língua Estrangeira (Inglês). Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, 2011.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. A formação de professores de línguas: passado, presente e futuro. In: SILVA, K. A. (Org.). **Ensinar e Aprender Línguas na Contemporaneidade: Linhas e Entrelinhas**. Vol. 1. Campinas: Pontes, 2010. p. 225-233.